024-037 Cotton and tobacco (old book 23-31)  
  
Vincents text Portuguese My new book

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| 24  On my way to Florida in the winter, I discovered where this fear and hostility, which blossomed into my terrifying encounter in the Northern streets, had its roots. Few blacks today pick cotton, but meeting those still trapped behind the cotton curtain, in the midst of the affluent society of the 1970s, seemed so surreal that I immediately felt thrown back in history—smothered by the cotton whose white tyranny once shrouded all black life in the South.  When I worked in the cotton fields, I discovered the reality was quite different from the one suggested in the historical photos and caricatures I recalled of smiling, almost childishly happy cotton pickers. The smiles in this picture were in fact the only ones I saw on the cotton plantations—when one of the pickers couldn’t figure out how my camera worked.       29  It took me a long time to overcome their hostility and fear of me as a white, but in the end I got to stay with Martha and Joe in return for giving them all the cotton I picked. Though I toiled from morning to night and was aching all over, I never succeeded in picking more than four dollars’ worth a day. The others were more experienced and could make over six dollars a day. This was relatively the same as today, where I see Martha and many of the others working for Walmart and still unable to pull themselves up by the bootstraps. We worked on a piecework basis and were paid four cents a pound. The white landowner then resold it on the market for 72 cents a pound. I began to understand how the landlord could afford to live in a big white mansion while his black pickers lived in shacks.  At quitting time the son of the landlord arrived to weigh the cotton and pay us on the spot. We were exhausted and there was no joy in receiving the money, which could hardly be stretched to cover kerosene for the lamp at home in the shack, which was probably no bigger or better than the ones the slaves originally lived in. How can these people be called free, when everything around them reminds them of the old master-slave relationship?      33  *Slave driver*  *The tables are turned now*  *catch a fire*  *you’re going to get burned now.*  *Every time I hear the crack of the whip*  *my blood run cold*  *I do remember on a slave ship*  *how they brutalized my very soul.*  *Today they say*  *that we are free*  *only to be chained in this poverty!*  *Good God*  *I think it’s illiteracy*  *it’s only a machine that makes money.*  A century earlier, whites had believed it their “natural right” to invest in human beings as private property. Hour after hour, in an updated version of this belief, well-to-do Northerners swept past us in the cotton fields in their big motorhomes on their way to sunny Florida. (Many of the northern universities where I later spoke, such as Harvard, were once financed by slavery.) Today each of their rolling homes burns up as much gas in an hour as we could buy after a whole day of picking cotton. Why are paper-shufflers in New York and Massachusetts, who already have huge homes, able to have these motorhomes while the cotton pickers don’t have even a waterproof shack to live in?         34  In the tobacco fields also, I saw that whites owned and directed everything, while blacks had to trail after them, both in the spring, when the tobacco was planted and unemployed women watched from their shacks, and in August, when it was picked. “It’s real nigger-work,” I heard whites say. “They’re already black so the tar doesn’t stick to them as much.” By law the workers are guaranteed a minimum wage, but it’s only 1/3 of Denmark’s. Worse, since tobacco picking is seasonal work and there’s not much work the rest of the year, it was indeed a meager income they scraped together. These people, who could’ve gained equality and freedom if they received just a couple of cents per packet of cigarettes sold, wore facial expressions as they worked only a slave could wear.  37  Later in the summer, the tobacco was dried and sold at auction. In few other places do we so visibly and forcibly continue to imprint the master-slave relationship on the consciousness of blacks. Wherever I go, I see white buyers from the tobacco companies who walk in front, giving quick discreet signals with pointed fingers and wagging heads, while the blacks rush behind them packing the tobacco bundles. The whites drive right into the auction hall in big flashy cars. They eat plate-size steaks for lunch at indoor tables, while the blacks have to eat their brown-bag lunches outside.  Today, most blacks have abandoned the tobacco fields to underpaid, illegal immigrants from Latin America. | 24  A caminho da Flórida no inverno, descobri onde esse medo e essa hostilidade, que floresceram em meu assustador encontro nas ruas do Norte, tiveram suas raízes. Poucos negros hoje apanham algodão, mas encontrar aqueles ainda presos atrás da cortina de algodão, no meio da sociedade afluente dos anos 70, parecia tão surreal que imediatamente me senti jogado de volta à história - enfeitiçado pelo algodão cuja tirania branca uma vez envolveu toda a vida negra no Sul.  Quando trabalhei nos campos de algodão, descobri que a realidade era bem diferente daquela sugerida nas fotos históricas e caricaturas que recordei dos colhedores de algodão sorridentes, quase infantilmente felizes. Os sorrisos nesta foto eram de fato os únicos que eu via nas plantações de algodão - quando um dos colhedores não conseguia entender como funcionava minha máquina fotográfica.  29  Demorei muito tempo para superar sua hostilidade e medo de mim como branco, mas no final consegui ficar com Martha e Joe em troca de lhes dar todo o algodão que escolhi. Embora eu trabalhasse de manhã à noite e estivesse doendo por toda parte, nunca consegui colher mais de quatro dólares por dia. Os outros eram mais experientes e podiam ganhar mais de seis dólares por dia. Isto era relativamente o mesmo de hoje, onde vejo Martha e muitos outros trabalhando para o Walmart e ainda incapazes de se puxar para cima pelas botas. Trabalhávamos à base de trabalho à peça e recebíamos quatro centavos de dólar por libra. O fazendeiro branco revendeu-o então no mercado por 72 centavos de dólar a libra. Comecei a entender como o proprietário podia se dar ao luxo de viver em uma grande mansão branca enquanto seus colhedores negros moravam em barracos.  Na hora do abandono, o filho do senhorio chegou para pesar o algodão e nos pagar na hora. Estávamos exaustos e não havia alegria em receber o dinheiro, que dificilmente poderia ser esticado para cobrir o querosene para a lâmpada em casa no barracão, que provavelmente não era maior ou melhor do que aqueles em que os escravos viviam originalmente. Como se pode chamar estas pessoas de livres, quando tudo ao seu redor as lembra da antiga relação senhor-escravo?  33  Condutor de escravos  As mesas estão viradas agora  pegar fogo  você vai se queimar agora.  Toda vez que eu ouço a rachadura do chicote  meu sangue corre frio  Eu me lembro em um navio de escravos  como eles brutalizaram minha própria alma.  Hoje eles dizem  que somos livres  apenas para ser acorrentado nesta pobreza!  Bom Deus!  Eu acho que é analfabetismo  é apenas uma máquina que faz dinheiro.  Um século antes, os brancos haviam acreditado ser seu "direito natural" de investir em seres humanos como propriedade privada. Hora após hora, em uma versão atualizada desta crença, os nortenhos abastados passaram por nós nos campos de algodão em suas grandes motorhomes a caminho da ensolarada Flórida. (Muitas das universidades do norte onde falei mais tarde, como Harvard, já foram financiadas pela escravidão). Hoje, cada uma de suas casas rolantes queima o máximo de gás em uma hora que pudemos comprar após um dia inteiro de colheita de algodão. Por que os catadores de papel em Nova York e Massachusetts, que já têm enormes casas, são capazes de ter essas motorhomes enquanto os catadores de algodão não têm nem mesmo uma barraca à prova d'água para viver?  34  Também nos campos de tabaco, vi que os brancos possuíam e dirigiam tudo, enquanto os negros tinham que seguir atrás deles, tanto na primavera, quando o tabaco era plantado e as mulheres desempregadas observavam de seus barracos, como em agosto, quando era colhido. "É um verdadeiro trabalho de negros", ouvi os brancos dizerem. "Eles já são negros para que o alcatrão não se agarre tanto a eles". Por lei os trabalhadores têm um salário mínimo garantido, mas é apenas 1/3 do da Dinamarca. Pior, já que a colheita de tabaco é trabalho sazonal e não há muito trabalho no resto do ano, foi de fato uma renda escassa que eles rasparam juntos. Essas pessoas, que poderiam ter ganho igualdade e liberdade se recebessem apenas alguns centavos por maço de cigarros vendido, usavam expressões faciais, pois só um escravo podia usar.  37  Mais tarde, no verão, o tabaco foi seco e vendido em leilão. Em poucos outros lugares o fazemos de forma visível e forçada, continuamos a imprimir a relação mestre-escravo na consciência dos negros. Onde quer que eu vá, vejo compradores brancos das empresas de tabaco que andam na frente, dando sinais rápidos e discretos com dedos pontiagudos e cabeças abanando, enquanto os negros correm atrás deles empacotando os maços de tabaco. Os brancos vão direto para o salão de leilões em grandes carros vistosos. Eles comem bifes do tamanho de pratos para o almoço em mesas internas, enquanto os pretos têm que comer seus almoços de saco marrom do lado de fora.  Hoje, a maioria dos negros abandonou os campos de tabaco para imigrantes ilegais, mal pagos, vindos da América Latina. |  |